



VIAJAR É DESSOSSEGAR

Londres 1

Não importa para onde vamos, com quem vamos e quando vamos, ainda que tudo isso entre na fórmula final. Viajar é ato de dessossegar. Pensando bem, é mais que ato é processo de dessossegar, é se colocar disponível para viver o não se sabe ainda bem o que se viverá, mesmo quando procuramos nos livrar do inusitado, com os preparativos mais detalhados do mundo. Viajar é se posicionar diante de dunas, como as da foto, que se movem ao menor movimento do ar.

VIAJAR É DESSOSSEGAR

LONDRES1

Na primeira vez que vamos a algum lugar, as expectativas são construídas unicamente pelo que se leu, escutou-se de alguém, assistiu-se num filme ou num programa de TV.

Formamos, com algumas informações, um caleidoscópio de fragmentos que não se tocam e, por isso, não compõem um conjunto com alguma coesão. Assim, esses caleidoscópios que compomos mentalmente, não são como os de brinquedo de nossa infância, pois, ao invés dos fragmentos estarem no fundo do tubo e nós chacoalharmos para ver novos desenhos e modos de se combinarem as formas geométricas e as cores, os pedacinhos coloridos que estão no nosso imaginário urbano têm contornos frágeis e flutuam no ar, ao nosso alcance apenas, como possibilidade.

Mesmo depois de viajarmos e lá chegarmos, pegar o mapinha cheio de símbolos, confrontar com o do Guia que temos em mãos (eu sempre prefiro do Visual Folha), entrar na internet e checar no Google Maps, localizar o hotel e os pontos turísticos principais, visitar cada um deles, escrever as informações principais no caderninho que levamos na bolsa.... mesmo depois disso tudo, mal costuramos os fragmentos e eles continuam soltos, ainda que possamos compor uma imagem como a que se segue, colocando os ícones lado a lado, como se a realidade urbana de uma cidade fosse assim.

LONDRES É
ESSENCIALMENTE
COSMOPOLITA





Quando retornamos ao mesmo lugar, isso não fica muito diferente, ou seja, a sensação de caleidoscópio permanece, mas dois sentimentos, ao menos, nos tocam: - as expectativas passam a ser construídas também pela lembrança que temos da viagem anterior e, - por nos sentirmos mais seguros em relação ao que virá, podemos escolher fazer de outro modo (embora tenha gente que prefira fazer quase sempre do mesmo jeito).

Estive na Inglaterra há *long time*. O ano era 1995. Morávamos na França por um ano. Eram as férias de verão: estávamos meu marido, minha mãe que viera do Brasil para nos visitar, dois filhos – um adolescente e um pré-adolescente – e eu, que tentava dar alguma coesão a esse pequeno grupo relativamente diverso, em seus interesses e graus de conhecimento sobre o país (afinal, é mais ou menos isso que se espera das mulheres e o que elas fazem ou porque acham que tem que corresponder ao que se espera da mãe/mulher/filha ou porque acham que deve ser assim, ou pelas duas coisas).

Tínhamos apenas quatro dias, separados pela viagem de ida e volta de TGV, cujas passagens tinham sido compradas com muita antecedência para amenizar os preços altos desse meio de transporte na Europa. Acho que, para alguns de nós, a viagem de ida e volta era mais desejada que conhecer alguns pontos turísticos de Londres e dar uma voltinha em Cambridge, que foi o que conseguimos fazer no tempo curto e com o orçamento pequeno que tínhamos.

A ilha da Grã-Bretanha já era, naquela viagem, a dama inalcançável da Europa Ocidental, pois corria, então, o grande debate sobre a entrada do euro, que comporia mais um elo, forjado política e economicamente, para ligar, se possível amalgamar, os países desse subcontinente. Nos jornais franceses, todos os artigos que colocavam em dúvida se seria bom ou não substituir o franco pelo euro faziam referência à decisão da ilustre ilha de manter a libra e mostrar a todos que não oferecia os dois braços à União Europeia, mas no máximo um e sem grandes apertos de mão.

Volto, agora, à Inglaterra, somente acompanhada de meu marido, mais velha, sem a mãe e os filhos conosco, sem atravessar o Canal da Mancha por baixo da água de TGV, mas sobrevoando o Atlântico pela TAM e aterrissando direto em Londres. Chegamos no país que há pouco optou, por plebiscito, pela saída da EU. Mais com cara de solteirona do que de donzela, a Inglaterra não aceita casamento facilmente e isso é, sem dúvida, pelo menos para mim, uma das representações que orientavam meu imaginário antes de chegar.

Cheguei! E as primeiras impressões mostram que a vida corre para todo mundo como se não houvesse o debate ou a dúvida sobre ser ou não parte da União Europeia. As pessoas passam apressadas buscando seu caminho para algum lugar. O labirinto de informações sobre o melhor modo de ir do Aeroporto de Heathrow até o centro da cidade era de deixar qualquer um perdido. O Guia Visual Folha descrevia os modais disponíveis para esse deslocamento, mas de modo sucinto; no Google, a busca feita oferecia opiniões de todo tipo, com destaque para a informação de que um táxi poderia custar 50 libras e cada libra, vale para nós brasileiros, no momento, 5,6 reais. Entrando na fila de informações de um dos guichês mais próximos às esteiras onde pegamos as malas, já ficamos sabendo que é um pouco mais grave – o preço é 74 libras. O trem expresso que percorreria o trajeto em 15 minutos ficaria 50 libras para um casal e, ainda, exigiria um taxi complementar até o nosso local de hospedagem. Truco! Vamos de metrô mesmo. Essa decisão exige uns minutos de briga com o caixa automático que vende bilhetes, o que em todos os lugares é feito para iniciados e nós, ainda que já tenhamos andando de metrô por tanto lugar, nada lembrávamos do metrô de Londres que tanto utilizamos na viagem anterior, ou melhor, lembrávamos que em mais de uma estação havíamos visto punks perambulando pelas plataformas e ratos correndo pelos vãos onde estão os trilhos. Pronto, mal chegamos e tivemos 30 minutos de dessorsego, apenas para entrar com as malas no trem.

O percurso foi uma experiência antropológica, social e política e, logo, me fez supor que aí estava uma boa ideia para essa viagem: trocar os destinos (lugares a serem visitados) pelos percursos (itinerários entre os pontos em que se pode ver e viver a cidade, ainda que como estrangeiro, mas não apenas como turista).

Havia gente de todo tipo no trem do metrô e, talvez, naqueles minutos de viagem, nem mesmo o apreço ao chá das cinco e à Família Real eram pontos de identidade entre eles, pois pareciam extremamente diferentes entre si, cada um em seu mundinho. No entanto, havia sim um ponto de identidade: todos estavam com o celular na mão, respondendo mensagens, vendo trechos de filmes, lendo notícias e seus semblantes iam reagindo, conforme o que a telinha mostrava ou dia a eles.

A minha sorte era não estar plugada, pois se estivesse talvez também a telinha me atraísse como um ímã. Na Inglaterra, para ter acesso aos dados móveis a Vivo cobra 49 reais ao dia e essa foi a primeira mensagem enviada por eles, antes mesmo de me informar que, se tivesse

problemas, deveria buscar a Embaixada Brasileira em Londres. Por não estar plugada, dei-me ao deleite de olhar com calma para as pessoas. Ali estava uma amostra do que eu veria nos quatro dias em que estive nessa cidade: gente de todo canto do mundo, mas com predomínio dos loiros e loiras ou ruivos e ruivas, altos, de pele muito clara e olhos azuis, e os mais baixos e baixas, de pele morena e cabelos que brilham, que identifico como indianos, mas podem ser também paquistaneses.

É claro que havia, também os outros: os não anglo fônicos, desde latino-americanos (as calças apertadas e os bumbuns redondos os denunciam), coreanos e japoneses (de pelo muito branca e roupas em tons claros), muitos chineses (que falam alto e são espaçosos demais nos ajudando a distingui-los dos demais dos vizinhos de olhos puxados), africanos do sul do Saara (alguns com suas roupas coloridas e lindas) e do Magreb (com suas túnicas sobrepostas às calças, árabes do Oriente Médio ou não (muitos deles com as mulheres de cabeça e, às vezes, rostos encobertos), turcos e gregos (falando e gesticulando), além dos que só sabia que não eram ingleses, quando falavam (franceses, alemães, austríacos etc. etc. etc.).





Sabemos que o mundo todo anda se tornando globalizado e um pouco cosmopolita, ainda que cada vez mais fragmentado e pleno de formas de discriminação e separação. Sabemos que africanos, asiáticos e latino americanos buscam um lugar ao sol, assim como os europeus do leste. Também sabemos que os conflitos entre cristãos, judeus e muçulmanos se acirram, mas não dava para imaginar que seria de outro jeito: após séculos de exploração colonial, colonizados adquirem “direitos” ou, ao menos, migrar ou desosssegar (e, neste caso, de modo completo e radical e não levinho como para um turista) é, para muitos, a única forma de garantir sobrevivência.

No caso da Inglaterra, basta olhar para o tamanho que o Império Britânico teve para imaginar o tanto de gente, vinda de várias partes do mundo que, se não tem o inglês como língua materna, tiveram que aceitá-la como idioma do colonizador e, agora, veem, nesse país, a oportunidade de trabalhar e se inserir, mesmo que precariamente para a maioria, num lugar qualquer do mundo, em que não vão passar fome, em que seus filhos podem ir à escola e na qual podem ter

certeza de algum dinheiro no final do mês. O mapa ajuda-nos a perceber que não é trololó a máxima de que o no final do século XIX, o sol nunca se punha no Império Britânico.



Fonte: <http://molhoingles.com/gra-bretanha-inglaterra/british-empire/>

Carminha Beltrão

Londres, agosto de 2018.